

INSULA DIVINA

A ideia primária que surge para a significação do episódio seria o repouso e o prémio que Vénus prepararia para os navegantes portugueses, bem como a possibilidade de estes conhecerem as repercussões futuras do feito memorável que terminava. Porém, uma exploração cuidada do texto faz-nos ir mais longe. De facto, se dermos relevo às estâncias 89, 90 e 91 do canto IX, somos autorizados pelo próprio poeta a enquadrar neste símbolo a ideia de que os nautas lusos se divinizaram com o feito o que faz com que os portugueses "se vão da lei da morte libertando", tal como os heróis gregos, apesar "da fraca carne humana". Mas este maravilhoso pagão, já descrito com alguma analogia na "Odisseia" (a ilha de Ogígia), nos "Argonautas" e em "Orlando Furioso", como fazem crer certos autores, confronta-se com o cristão e a própria natureza onírica de Camões.

O tema central da "Ilha dos Amores", contudo, não é o prémio pelo esforço, nem tão pouco a divinização humana, mas antes o AMOR que, por sua vez, é que teria aquelas consequências, mas como sublimação platónica, ainda que de imperfeita objetivação.

A palavra AMOR, de facto, surge na alegoria com alguma frequência - 24 vezes -, sendo a sua maioria (16) no plural a simbolizar várias experiências de amor, como os cupidos (IX,30 e IX, 34), Leonardo (IX, 75) no qual certos críticos fazem cair o próprio poeta dadas as suas queixas da lírica serem as mesmas deste no encontro com Efire, com o mesmo anseio de vencer a "força dura" da Fortuna (IX,79), desejos eróticos (IX,68), prazeres sensuais e de sensibilidade (IX,87), os cupidos emblemáticos (X,58), bem como uma pseudoexplicação, parentética, da etimologia da palavra (IX,58). Por seu turno, no singular, por vezes com maiúscula, significa a essência do amor carnal e afetivo (IX,49), que embora sensual, se torna inocente, sincero e autêntico para se desfazer em "puro amor" (IX,82), porque, para além de só acontecer na Insula Divina, é incutida a ideia de que naquele lugar não há pecado original, logo não poderia haver ali homens "de amor nefando" ou "amor indino" (IX, 34 e 35). Mas aqui, também, a falta do "amor divino" é censurada e condenados os que se amam a si (IX, 27 e 28). Apesar disto o Amor também é hipostasiado (IX,81) podendo, assim, ser identificado com o "ente".

Daqui se infere que o significado desta ilha, colocado no sonho do poeta na rota dos navegadores portugueses e pelo Prof. Cunha Gonçalves em Bombaim, seja, de facto, de premiar, em atitude compensatória e de justiça, num nível realista (IX, 19 e 20), e, já ao nível alegórico (IX, 89), o de fornecer o prémio da imortalidade - divinização - que se torna um estímulo para os heróis futuros, o que permite ao poeta retomar a história dos portugueses. Não obstante, apesar do prémio, há também um castigo "contra o mundo revelde" (IX, 25) investido por Cupido, só que esta

punição se estabelece apenas como mal começada, enquanto o prémio é bem sucedido.

Apesar do contraste, prémio e castigo preconizam que o amor transcende a vontade dos homens, e que é inspirado e mesmo imposto por forças que subjugam a natureza humana, ideia a que não é alheia o facto de Camões ser um infortunado no Amor, ou mesmo um desconcertado. Mas o contraste faz ainda ressaltar esse amor "desconcertado" e "nefando" oposto ao bem ordenado e puro, ainda que sensual. Por outro lado, a expedição de Cupido - o "filho inico" - pode apenas ser um pretexto camoniano para refletir, de forma cívica, e denunciar os males que corroem a sociedade. E do confronto do episódio temos o "mundo vil, malino" (IX, 42), de "feia tirania" (IX, 28) com o reverso idealizado do poeta, visão que encoraja um futuro de utopia: o reino do Amor na qual a realização humana atinge a plenitude, tomando a ilha significação político-pedagógica.

Nesta linha significativa, a aliança de ninfas e nautas ensinados pelo Amor e por ele humanizados estabelecem parâmetros para uma sociedade exemplar. Surge a obediência a um desejo (IX,22), fazem-se promessas de fidelidade eterna (IX, 84), a hierarquia não é esquecida tanto para os pares (IX, 85), como nos lugares destinados aos "doces jogos" (IX, 87), bem como na disposição das personagens no banquete (X, 3).

Ainda no capítulo desta díade cristão/pagão, encontramos o episódio de alegoria pagã, de acordo com a arte renascentista e barroca, que se confronta com a austeridade moralista de muitas passagens do poema e do fim do próprio episódio. Este confronto é explicado por uma sublimação estética do pseudomístico de cuja contradição o poeta tem consciência, a ponto de atribuir à ilha um carácter alegórico (IX, 89). E da alegoria se conclui que o amor que Camões refletiu na sua lírica e que não conseguiu, porque era impossível, é conseguido na Insula Divina, mas fora do Espaço e do Tempo, numa aliança eterna com semideusas. Só que isto só se torna possível porque a Fortuna foi vencida e era esta a conjurada do Amor desconcertado do poeta e que é denotada e desmascarada das ciladas pela divindade propícia: Vénus.

A incompatibilidade aparente desta oposição é colocada pelo conflito do poeta entre o mito e a verdade, em que esta vence pela sua coerência artística. A incoerência não se debate nas últimas estâncias do canto, de carácter moral, porque sendo ele símbolo de triunfo e de glória (IX, 89), será antes de tudo, ao que parece, o contrário para o poeta que, sendo visto em Leonardo, jamais poderá amar porque ainda que a ninfa se deixe cativar, o amor não cessará de lhe fugir.

Isto estabelece o amor bem sensual de uma orgia pagã a servir de símbolo ao triunfo de uma empresa cristã. Por outro lado, Camões ao sacrificar a estética pela verdade, estava a fugir, ainda que debilmente, à censura.

Em síntese, pode-se dizer que o episódio da "Ilha do Amores" é um estudo do Amor, e que a sublimação que o homem por ele faz, é concebida como um prémio do esforço do seu intento, ou um bem que foge ao merecedor. Desta forma, a Ilha representaria um mundo Cultural, Político e Pedagógico diferente e seria um lugar maravilhoso (o episódio faz parte do maravilhoso do poema, no capítulo do ideal amoroso), o lugar ideal do Universo situado no Tempo, antes do pecado original, do Génesis, e , no lugar, na rota dos trabalhos da vida humana. Mas para além do paraíso, do Céu, que representa, antes de mais, a ilha é o local onde tudo surge à medida dos sonhos do poeta, até ao ponto da sua própria ninfa lhe fugir.

Para os outros ela se cansa, só que para ele foge sem parar, sendo impossível o amor, porque ele não é puro como é o amor que habita nas redondezas das águas límpidas da Ilha dos Amores, que é Divina. E é nessa clareza que se tornaria uma profecia e uma exaltação da própria arte, dado que o herói só existe porque houve poetas para o cantar.

Miguel Ribeiro